

A arte de decidir bem

A VIRTUDE DA PRUDÊNCIA

O coração prudente possuirá a ciência
(Provérbios 18, 15)

No coração do prudente repousa a Sabedoria
(Provérbios 14,33)

I. PRUDÊNCIA: O QUE É, E O QUE NÃO É

1. O que não é

Muitas pessoas têm uma visão míope: reduzem a prudência à simples “cautela”. O cuidado para evitar um mal – a cautela – é algumas vezes um aspecto da virtude da prudência; mas muitas outras é exatamente o oposto dessa virtude.

Repare que as duas principais palavras que expressam a cautela são negativas: “cuidado” e “não”.

- Tome cuidado ao atravessar a rua.
- Não saia sozinha à noite.
- Não confie nesse seu sócio.
- Não arrisque a comprar uma moto.
- Não exagere nas doações e caridades, que eles acabam abusando.
- Cuidado com o que posta no face-book.
- Cuidado com tantas idas à igreja, que vai virar carola.

Nessa sinfonia cacofônica de “cuidado” e “não”, algumas frases merecem o nome de prudência, mas outras não. Ora, repare que, nem uma só delas, nem todas elas em conjunto, são capazes de nos oferecer um *ideal de vida*. Não apontam para nenhuma realização, nenhuma conquista, nenhuma melhora, nenhuma perfeição.

Ninguém se realiza na base de medos e cautelas. Por isso, o *Catecismo da Igreja Católica* afirma que a virtude da prudência «não se confunde com a timidez ou o medo» (n. 1806).

2. Então, o que é?

Veja como é clara a definição de prudência que nos dá o *Catecismo*:

«A prudência é a virtude que dispõe a *razão prática* a *discernir*, em qualquer circunstância, o nosso *verdadeiro bem* e a escolher os *meios* adequados para realizá-lo» (n. 1806).

Grave bem essas palavras, que nos deverão ilustrar ao logo deste livro. E não perca de vista que a prudência visa principalmente *realizações* práticas, “a realização do verdadeiro bem”.

— A definição começa dizendo que é uma virtude que tem como base a *razão prática*, não o raciocínio puramente teórico. A prudência, com efeito, visa à realização das ações sobre as quais temos que pensar e decidir, não à resolução de teoremas.

— É uma virtude que leva a *discernir*, ou seja a conhecer e distinguir claramente – limpando confusões mentais – qual é a ação certa que se deve praticar.

— Mas o discernimento da prudência tem um norte: o nosso *verdadeiro bem*, pois – como veremos adiante – pode haver objetivos errados e bens enganadores. Refere-se, portanto, ao bem *moralmente objetivo*. Um bem que tanto pode consistir na boa ação de ajudar uma velhinha a atravessar a rua, como no bom encaminhamento de um empreendimento comercial ou de uma entidade religiosa.

Se não procurássemos o bem moral objetivo, a prudência se perderia num mato fechado onde o bem e o mal não se poderiam distinguir; seria como aquela «selva escura» onde Dante se achava extraviado, porque «la diritta via era smarrita», porque tinha perdido o caminho reto¹.

— Uma vez discernido o verdadeiro bem, a prudência leva, então, a escolher os *meios adequados* para realizá-lo. Como a prudência é prática, a pessoa, depois de dizer “quero fazer isso, pergunta-se “*como* vou fazê-lo”?

— Finalmente, com os meios bem escolhidos, chega o momento de *decidir-se* a agir, a fazer.

Em pouquíssimas palavras, Santo Tomás de Aquino, inspirando-se em Aristóteles, resume tudo isso dizendo: «A prudência é a *regra certa* da ação»

3. É a primeira das virtudes?

¹ *Divina Comédia*, Inferno, Canto primeiro

Os pensadores clássicos pagãos e cristãos dão à prudência uma precedência sobre as outras virtudes morais (justiça, fortaleza, temperança...). Não dizem que seja a “maior” das virtudes. A maior virtude humana é a justiça; e a maior de todas as virtudes, em seu conjunto, é a virtude teologal da caridade: *Se não tiver caridade, nada sou* (1 Cor 13, 2).

Contudo, diz-se que a prudência tem precedência sobre todas as outras virtudes neste sentido: ela é a “moderadora” de todas elas. Guia, orienta as outras virtudes para o seu próprio fim, ajudando-as a manter-se no ponto certo, no “ponto médio” do equilíbrio moral, evitando assim que descambem para a insuficiência ou para o exagero. Por isso Santo Tomás a chama «a mãe das virtudes»²

A expressão “ponto médio” é correta mas perigosa, pois pode levar a confundir equilíbrio com mediocridade. Os comentaristas cristãos, para evitar essa distorção, recorrem a uma imagem expressiva: o ponto médio moral é um cume que se eleva entre dois abismos. Por exemplo, a coragem – que como todas as virtudes deve aspirar à perfeição máxima – é um cume entre os abismos da covardia e da temeridade insensata.

A ética tradicional define essa função diretiva da prudência dizendo que ela é *auriga virtutum*, literalmente, condutora (*auriga*, em latim) do carro das virtudes.

Talvez você se lembre das corridas de *quadrigas* (quatro cavalos) ou de *bigas* (dois cavalos) ou que aparecem no filme “Bem Hur”? Enquanto o *auriga* tem domínio das rédeas, o carro avança velozmente pela pista certa, e pode chegar em primeiro lugar. Mas, se o condutor solta as rédeas ou puxa por elas desajeitadamente, por bons que sejam os cavalos o desastre é inevitável. A mesma coisa acontece com as virtudes que não têm as rédeas nas mãos da prudência.

Com seu toque poético, Paul Claudel dizia: «A prudência está no Norte da minha alma, como a proa inteligente, que conduz todo o navio»³.

4. Os quatro atos da prudência

Seguindo o ensinamento de Santo Tomás de Aquino⁴, podemos distinguir quatro atos da prudência:

- A reflexão
- O juízo (julgamento de valor, e julgamentos práticos)
- A decisão
- A realização

² *Genitrix virtutum* 3, d. 33, 2, 5

³ *Cinq Grandes Odes, n. 5: La maison fermée*

⁴ *Suma Teológica* II-II, questões 47 a 56

Como escreve Josef Pieper, glosando Santo Tomás, a prudência não consiste apenas no conhecimento objetivo do “verdadeiro bem” numa determinada situação. Trata-se de um conhecimento que logo «se transforma numa *decisão* prudente, decisão que por sua vez conduz à *realização*»⁵.

Esses são os passos da virtude da prudência, que vamos meditar nos próximos capítulos.

II. PRIMEIRO, A REFLEXÃO

1. O *humus* da reflexão

Num bom *humus*, a planta vinga e cresce. A prudência também precisa de uma boa terra para realizar bem seu primeiro ato: a *reflexão*. Uma reflexão que, na vida prática, pode se fazer às vezes em questão de segundos, e outras vezes exigirá bastante tempo e a possibilidade de consultar.

Pensar não é fácil. Romano Guardini, falando do “homem disperso” dos nossos dias, escreve: «Sempre anda ocupado em alguma coisa. Quando não existe algum objetivo que o impressione, algum estímulo que o empurre ou algum incentivo que o acorde, toda a sua atividade se desvanece e apenas existe nele um surpreendente vazio»⁶.

É preciso *aprender a pensar*, a utilizar a «razão prática», aquele raciocínio que esclarece os problemas e equaciona as situações da vida, tanto da nossa vida interior quanto da nossa vida exterior.

É claro que isso exige fazer o esforço sincero de vencer os “inimigos da reflexão”.

2. Os inimigos da reflexão

— A *preguiça de pensar*. Custa vencer a dificuldade de pensar nos problemas, nos deveres e projetos, com interesse e aplicação, especialmente quando se trata do projeto familiar, dos problemas dos filhos, da perfeita realização do trabalho ou do nosso amadurecimento espiritual. Não achamos tempo para refletir. Uma vez por cansaço, outras vezes porque é complicado, outras por mau humor, e sempre por preguiça.

⁵ Num livro importante sobre as virtudes: *Virtudes fundamentais*, Ed. Aster, Lisboa 1960, cf. pp. 21 e 22

⁶ Romano Guardini, *Introdução à oração*. Ed. Aster, Lisboa, pp. 27-28

— *A afobação da urgência.* A ansiedade, a aflição por definir ou resolver algum assunto urgente facilmente encampa o raciocínio, que deveria ser sereno e não precipitado. Certo que há emergências que aparecem de surpresa, e só deixam uns minutos para rezar e decidir. Mas muitas outras vezes a urgência que nos rouba a reflexão é fruto de adiamentos indevidos ou de faltas de previsão ou de ordem, que deveríamos corrigir.

— *O preconceito e a teimosia.* Em empresas familiares, em entidades educativas tradicionais e em outras iniciativas, já aconteceu mais de uma vez que aquele que iniciou o empreendimento fique preso àquilo que, muitos anos atrás, o levou ao sucesso. Vai passando o tempo, e não se dá conta de que as circunstâncias, o mercado, o sistema empresarial, a cultura, etc, mudaram. Os filhos, os “jovens sucessores”, querem renovar o empreendimento, mas o “velho” agarra-se a seus pré-conceitos. Com essa obstinada teimosia, o barco ameaça encalhar.

— *A vaidade presunçosa.* Há quem se idolatre a si mesmo de tal modo, que não é capaz de valorizar nem de ouvir ninguém: nem na família, nem no trabalho. Fala “pontificando”, impõe as coisas sem diálogo, desvaloriza o parecer dos demais. Assim se dispensa de refletir, e deixa de se enriquecer com as ponderações valiosas dos outros.

3. Os amigos da reflexão

Há uma série de hábitos bons, que – ao contrário dos anteriores – propiciam o exercício da reflexão, esse primeiro passo da virtude da prudência. Trata-se de hábitos de base, que vale a pena cultivar, e que devem ser exercitados perseverantemente:

— *O hábito da leitura.* Quanto mais e mais constantemente lemos, mais rico fica o nosso raciocínio. E vice-versa, a falta de leitura empobrece a mente. Refiro-me à leitura de obras de qualidade cultural, que se torna hábito diário ou quase: livros clássicos, históricos, romances, biografias, ensaios, crônicas, etc. Grande inimigo desse hábito bom é o vício de saltitar pelo mundo da Internet, bicando aqui e acolá como um tico-tico por mera curiosidade superficial.

Para um cristão, além da Bíblia, há um tesouro de livros de reflexão teológica, de meditação, de espiritualidade, que dilatam os horizontes do conhecimento de Deus e de nós mesmos, e desvendam valores importantes para cada dimensão da vida pessoal e social. Tomara que dedicássemos um tempo diário a essas leituras. Já vi acontecer coisas surpreendentes a homens de empresa de grandes responsabilidades: acharam orientações decisivas, não em grandes estudos econômicos, mas na leitura da vida de um santo (de um santo que nem sabia o que era uma conta bancária).

— *A memória*. Nunca ouviu uma reclamação deste tipo: “Você não se lembrou?” “Você não sabia que não dava?” “Sempre cai na mesma!” “Nunca vai aprender!”. É muito velho – e muito atual – o ditado que diz: “O homem é o único animal que tropeça duas vezes na mesma pedra”. O bom uso da memória pode criar em nós o acervo cada vez mais rico da experiência.

Não me refiro à experiência da pessoa que ficou traumatizada por um fracasso e agora teme qualquer iniciativa: “gato escaldado, fuge da água fria”. Isso é só psicose ou covardia. A memória “reflexiva” sobre os sofrimentos e fracassos é um mestre de obras experiente que orienta na edificação da vida.

— *A humildade de pedir conselho*. É uma disposição importante da pessoa prudente. «No que diz respeito à prudência – escreve Santo Tomás – ninguém se basta a si mesmo»⁷. Quatro olhos dispostos a ver enxergam mais do que dois. Às vezes vamos precisar de mais de dois pares de olhos. Só o vaidoso autossuficiente acha humilhante pedir conselho a quem o pode dar.

«O primeiro passo da prudência – escreveu São Josemaria – é o reconhecimento das nossas limitações: a virtude da humildade. É admitir, em determinadas questões, que não aprendemos tudo, que em muitos casos não podemos abarcar circunstâncias que importa não perder de vista à hora de julgar. Por isso nos socorremos de um conselheiro. Não de qualquer um, mas de quem for idôneo [...]. Não basta pedir um parecer; temos que dirigir-nos a quem no-lo possa dar desinteressada e retamente»⁸.

— *O hábito da meditação*. Faz-nos muita falta reservar todos os dias um tempo para meditar com calma, em um lugar tranquilo, sobre os assuntos que exigem uma decisão acertada. Podem ser uns dez minutos de manhã cedo, acordando talvez um pouco antes do habitual; ou à noite, antes de nos retirarmos para dormir, ou em outro momento oportuno. O silêncio, o esforço de pôr as ideias e os planos em ordem, o exercício de anotar os dados ordenadamente, para pensar melhor sobre eles, o exame de acertos e erros do dia, são premissas de uma reflexão objetiva e uma decisão lúcida.

— *Refletir sob a luz de Deus*. Para um cristão, esta deveria ser a reflexão mais importante. Vem ao pensamento o belo versículo do Salmo 36 [35], 10: *É na vossa luz que vemos a luz*. Trata-se disso: de pedir luz a Deus – a luz do Espírito Santo, “luz dos corações”–; de examinar o que devemos resolver sob o resplendor da verdade de Deus, da sua palavra, dos seus mandamentos, acolhidos num coração sincero. Trata-se, sobretudo, de ter bem gravada na alma a imagem de Cristo, do seu exemplo e dos seus ensinamentos, para fazer deles *luz da vida* (Jo 8, 12). Voltaremos a isso no último capítulo.

⁷ II-II, 49, 3 ad 3

⁸ São Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 86

Com estas considerações sobre a reflexão, já estamos lançando um cabo para os próximos capítulos.

III. SEGUNDO PASSO: O JUÍZO MORAL

1. O juízo da consciência

Navegamos bem pela vida quando a nossa alma – como diz o verso antes citado de Claudel – é norteadada pela prudência. Mas já vimos que a prudência só é virtude se sabe «discernir o nosso verdadeiro bem» (Cf. *Catecismo*, n. 1806).

Ora, quem vai nos dizer qual é o nosso «verdadeiro bem»? Quem deve julgar sobre a qualidade moral – boa ou má – das nossas ações?

A resposta é: –*A consciência*.

O *Catecismo* fala assim da relação entre a prudência e a consciência: «É a prudência que guia imediatamente o juízo da consciência. O homem prudente decide e ordena a sua conduta segundo este juízo» (*ibidem*).

Estamos perante um ponto delicado e muito importante da virtude da prudência.

Para não nos desviarmos da rota do nosso pensamento, nos ajudará prestar atenção desde já à definição de consciência que dá o *Catecismo*: «A consciência moral é um *juízo da razão* pelo qual a pessoa humana reconhece a *qualidade moral de um ato concreto* que vai planejar, que está a ponto de executar ou que já praticou. Em tudo o que diz e faz, o homem é obrigado a seguir fielmente o que sabe ser justo e correto» (n. 1778).

Com base nessa ideia, vamos prosseguir, começando por focalizar um “caso” difícil.

2. Uma página desconcertante do Evangelho

Uma das páginas mais difíceis do Evangelho é a parábola em que Jesus elogia um semvergonha, um administrador desonesto de quem o patrão começava a suspeitar (cf. Lc 16, 1-8).

Para evitar ser dispensado e ficar na rua, o corrupto vai chamando um a um os devedores do seu patrão e os induz a falsificar junto com ele as contas, reduzindo-lhes as dívidas à metade ou quase: – *Quanto deves ao meu senhor? – Cem barris de óleo. – Pega a tua conta, senta-te, depressa, e escreve: cinquenta.*

É óbvio que Cristo não aprova a corrupção nem a mentira. O que Jesus pretendeu com essa história chocante foi mostrar que os que vão atrás do mal – e pecam, e cometem crimes – muitas vezes agem com mais esperteza do que os cristãos que procuram fazer o bem. *O senhor elogiou o administrador desonesto, “porque agiu com esperteza”. De fato, os filhos deste mundo são mais espertos em seus negócios que os filhos da luz.*

O grande negócio dos filhos da luz, dos filhos de Deus, é aspirar à perfeição do amor, até atingirem o que São Paulo chama *a estatura da maturidade de Cristo* (Ef 4, 13), e – unidos a Cristo – espalhar o amor e o bem à sua volta. Mas, na realidade, muitos cristãos, acomodados e passivos, tem bem menos fibra para o bem do que muitos bandidos para o mal. Parecem abobalhados ao lado desses espertos⁹.

A moral cristã chama “astúcia” à falsa prudência do administrador infiel. A astúcia é a o arremedo diabólico da prudência, que faz com que haja chefes do crime organizado mais eficientes do que os governantes legítimos; que haja quem, com pouco esforço e despesa, tire ótimos lucros vendendo aparelhos falsificados ou celulares roubados; que hackers sem escrúpulos roubem eficientemente milhões, entrando em inúmeras contas bancárias com vírus quase imperceptíveis.

«Existe uma falsa prudência – diz São Josemaria –, que devemos chamar antes de astúcia, que está ao serviço do egoísmo, que se serve dos recursos mais adequados para atingir fins tortuosos»¹⁰.

São João Paulo II comenta: «Prudente *não* é – como muitas vezes se julga – o que sabe virar-se na vida para dela tirar o máximo proveito, mas o que consegue edificar a vida inteira de acordo com a voz da consciência reta e as exigências da moral justa»¹¹.

3. “A voz da consciência reta”

Acabamos de ver que a virtude da prudência deve *julgar* as nossas ações mediante um *juízo de valor* formulado pela consciência: “Isto está certo, isto está errado” - “Isto é virtude, isto é pecado”.

⁹ É neste sentido que Jesus dizia: *Sede prudentes como as serpentes, e simples como as pombas* (Mt 10, 16)

¹⁰ São Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 85

¹¹ Alocução de 25 de outubro de 1978

Será que a nossa consciência sempre julga bem? Não pode enganar-nos? Qual é a luz verdadeira com a qual a nossa consciência tem que julgar? Qual é o referencial que garante o acerto da consciência?

É um fato que a nossa consciência muitas vezes nos engana. «Colocada diante de uma escolha moral, a consciência pode emitir um julgamento correto de acordo com a razão e a lei divina ou, ao contrário, um julgamento errôneo que se afasta delas» (*Catecismo*, n. 1786).

A consciência pode errar, isto é, pode achar correta uma solução desonesta.

Para evitar esses erros é necessário ter muito em conta que a nossa consciência *não cria a moralidade* – a bondade – dos nossos atos. Muitos acham que basta que a “sua consciência” aprove algo para que isso fique sendo certo. Transformam assim a sua “convicção” subjetiva, não autenticada por uma verdade objetiva, num “deus” que sempre acerta e que deve ser acatado contra tudo e contra todos; e a esse falso “deus” chamam “a minha consciência”.

É indispensável, por isso, não perder de vista que só a consciência *bem formada* «formula seus julgamentos segundo a razão, de acordo com o bem verdadeiro querido pela sabedoria do Criador» (*Catecismo*, n. 1783). Somente assim a consciência é «a voz de Deus», e não a voz de uma ilusão, das conveniências ou da fantasia.

4. Em sã consciência

É muito sábia a língua portuguesa quando usa a expressão “em sã consciência, eu penso que...”, porque – como estamos vendo – a nossa consciência pode estar sã ou doente.

Veja como São João Paulo II fala da sã consciência: «Deus, que é o *único bom* (cf. Mt 19, 17), conhece perfeitamente o que é bom para o homem, e, devido ao seu mesmo amor, o propõe nos mandamentos»¹².

Esclarecida pela luz dos mandamentos, dos preceitos e dos conselhos divinos, a consciência torna-se canal da voz de Deus. Um exemplo: toda a doutrina católica sobre a vida, que São João Paulo II expõe magnificamente na encíclica *Evangelium vitae* (“O evangelho da vida”), tem como alicerce – para iluminar verdades, erros e confusões – o quinto mandamento da lei de Deus: *Não matarás*.

¹² Encíclica *Veritatis splendor*, n. 35

«Os preceitos morais negativos – diz – têm uma função importantíssima: o “não” que exigem incondicionalmente aponta o limite intransponível abaixo do qual o homem livre não pode descer, e simultaneamente indica o mínimo que ele deve respeitar e do qual deve partir para pronunciar inumeráveis “sins”, capazes de cobrir progressivamente todo o horizonte do bem, em cada um dos seus âmbitos» (n. 75).

Em 1833, o futuro cardeal Newman, cada vez mais próximo da sua conversão ao catolicismo, escrevia durante uma estadia na Sicília, o seguinte verso: «Eu antes gostava de escolher e compreender o meu caminho. Agora, pelo contrário, eu oro: Senhor, guia-me Tu».

Bento XVI comentava essa atitude de Newman: «O específico do ser humano, enquanto ser humano, não consiste em interrogar-se a si mesmo sobre o “poder” [o que eu posso fazer], mas sobre o “dever” como abertura da alma à voz da verdade e das suas exigências [...]. O jugo da verdade é “leve” (Mt 11,30), dado que a Verdade – Jesus – veio, amou-nos e queimou as nossas culpas no seu amor. Só quando conhecemos isso e o experimentamos interiormente é que somos livres pra escutar com alegria e sem ansiedade a mensagem da consciência»¹³.

IV. AINDA SOBRE O JUÍZO DA CONSCIÊNCIA

1. Há luzes falsas

Como víamos, somente a consciência guiada pela luz de Deus formula *juízos morais corretos*: os únicos que nos permitem ser prudentes. Vamos aprofundar um pouco mais nesse tema.

São muitas as luzes falsas que tiram a consciência dos trilhos e falsificam a bondade das nossas ações. Jesus nos alerta: *Se o teu olho – o olho da alma – estiver são, ficarás todo cheio de luz. Mas se teu olho for ruim, ficarás todo em trevas* (Mt 6, 22-23).

Vem-me ao pensamento um conto de Chesterton, *O fim dos Pendragon*¹⁴, que trata de um “almirante” louco, que morava num velho casarão nas costas rochosas da Cornualha, no sudoeste da Inglaterra. Construiu uma torre em cujo cimo podia acender uma grande fogueira, e assim simulava de longe um farol marítimo. Com essa luz falsa, enganava navegantes rivais que queria eliminar e os induzia a naufragar e morrer no labirinto das rochas.

¹³ Conferência sobre “Consciência e Verdade”, de 17-II-2013, em www.analisis digital.org

¹⁴ *A sabedoria do padre Brown*, cap. XIV

Que “luzes” nos enganam mais facilmente? Quais os falsos faróis que nos fazem naufragar na vida moral? Vejamos alguns, mesmo que repisemos ideias já expostas ou apontadas nos capítulos anteriores.

— O farol do *subjetivismo*. A pessoa – já víamos isso – confunde a consciência com um *sentimento* subjetivo. Não nos damos conta de que o que nós “achamos” está condicionado frequentemente por vícios e influências que obscurecem a retidão moral.

Mais ainda. «Quando o homem não se preocupa suficientemente com a procura da verdade e o bem, a consciência pouco a pouco, pelo hábito do pecado, se torna quase obcecada»¹⁵. É a cegueira moral, a *moral insanity*.

«Acaba-se por assumir – dizia São João Paulo II – como única e indiscutível referência para as próprias decisões, não já a verdade sobre o bem e o mal, mas apenas a sua subjetiva e volúvel opinião ou, simplesmente, o seu interesse egoísta e o seu capricho... Diminui toda referência a valores comuns e a uma verdade absoluta para todos: a vida social aventura-se pelas areias movediças de um relativismo total. Então, *tudo é convencional, tudo é negociável*, inclusive o primeiro dos direitos fundamentais, o direito à vida»¹⁶.

— O farol do *politicamente correto*. É fácil ser arrastado pela correnteza do pensamento dominante. Se todo o mundo pensa assim, acha-se que aquilo tem que estar certo; ou então adere-se covardemente para ser bem aceito. Ora, a opinião “geral” – até mesmo em muitos ambientes católicos – com frequência não coincide com o que é o critério “normal”, o que corresponde aos valores autênticos da vida moral.

Uma corrupção econômica ou sexual generalizada não torna esses comportamentos moralmente bons. São incontáveis os jovens e menos jovens que substituem os valores da ética natural e da moral cristã pelas falsas “liberdades comportamentais” do ambiente (abusos destemperados do sexo, do álcool, da droga, do consumismo, da pornografia, do exibicionismo e da mentira nas redes sociais), e acham que isso é “normal”. É a moral que transforma em valores os erros estatisticamente majoritários.

Vale a pena transcrever umas palavras do conhecido filósofo espanhol Julián Marías: «O homem da nossa época recebe uma série de interpretações da realidade que, muitas vezes, têm um caráter moral. Aparecem formas de vida, de relacionamento humano, de família, de ética política que são, de certa forma, interpretações a uma determinada luz e, muitas vezes, apresentam-se como normais só porque são frequentes. Essa identificação parece-me muito perigosa: considerar o que é frequente como normal,

¹⁵ cf. Concílio Vaticano II, Const. *Gaudium et spes*, n. 16.

¹⁶ Encíclica *Evangelium Vitae*, nn. 19, 20.

o que é normal como lícito, e o que é lícito legalmente como se fosse moral. Não! Trata-se de identificações inaceitáveis. Pode haver coisas frequentes que não são normais, e pode haver coisas lícitas legalmente, mas que não o são moralmente. É preciso analisar cada caso concreto»¹⁷.

— *O farol das ideologias*. É uma falsa luz muito aparentada com a anterior. Hoje, a influência do ambiente, a pressão da mídia, o tom doutoral e agressivo dos militantes das ideologias em pauta é uma pirotecnia de luzes enganadoras, que pretendem dominar monoliticamente o pensamento de todos. Muitos despreparados caem nessa tirania como a mariposa que queima as asas na chama de uma vela: desde o velho marxismo até o laicismo antirreligioso, passando pelo niilismo e as antropologias antinaturais.

Bem dizia o Papa Bento XVI, «Cresce o perigo de uma ditadura da opinião, e quem não a acata é isolado e marginalizado, de tal forma que há gente boa que não ousa mais manifestar que não concorda com esses grupos. Uma eventual ditadura anticristã do futuro será presumivelmente muito sutil. Ela se mostrará aparentemente aberta às religiões, mas com a condição de que não mexam no seu modelo de conduta e de pensamento»¹⁸. São novos dogmas de fé, com a sua própria inquisição, apoiados até mesmo pela lei e os tribunais.

2. O farol que não engana

No meio desse *halloween*, dessa festa das bruxas, destaca o brilho da *lux vera* (Jo 1, 9), a luz verdadeira, única que pode guiar as nossas vidas por caminhos de bondade.

Santo Agostinho indica um rumo certo: «A prudência é o amor que sabe discernir bem que coisas nos ajudam a caminhar para Deus, e quais nos podem impedir de fazê-lo»¹⁹. E alerta: «Não pretendas desviar o coração de Deus, que é sempre reto, para que se acomode à perversidade do teu»²⁰.

Voltemos ao *Catecismo*, que nos mostra o verdadeiro farol: «A consciência deve ser educada e o juízo moral esclarecido. Uma consciência bem formada é reta e verídica. Formula seus julgamentos seguindo a razão, de acordo com o bem verdadeiro querido pela sabedoria do Criador. A educação da consciência é indispensável aos seres humanos submetidos a influências negativas e tentados pelo pecado a preferirem o próprio juízo e a recusar os ensinamentos autorizados» (n. 1783)

¹⁷ Conferência *A moralidade coletiva*, pronunciada em 15/04/98. Cf. www.hottopos.com

¹⁸ Cf. Dag Tessoro, *Bento XVI – Questões de fé, ética e pensamento na obra de Joseph Ratzinger*. Ed. Claridade, São Paulo 2005, p. 24

¹⁹ *Os costumes da Igreja católica e os dos maniqueus*, 1, c. 15

²⁰ *Enarrationes in Psalmos*, 63, 18

Depois, o mesmo *Catecismo* (n. 1785), concretiza os modos de procurar a *lux vera* para, com base nela, formular os nossos juízos éticos:

— «Na formação da consciência, a Palavra de Deus é a luz do nosso caminho; é preciso que a assimilamos na fé e na oração e a ponhamos em prática». Sobretudo, com a leitura e meditação frequente – de preferência, diária – do Novo Testamento, e mais especialmente dos quatro Evangelhos.

— «É preciso ainda que examinemos a nossa consciência». Lembremos que Jesus dizia que os puros de coração verão a Deus (Mt 5, 8). Com o exame de consciência (bastam uns minutos de balanço espiritual à noite) , identificamos as nossas falhas e insuficiências, pedimos perdão a Deus, e nos preparamos para purificar a alma com um propósito de retificar e, em muitos casos, com uma boa Confissão. Assim, com a alma purificada pelo perdão de Deus, é mais difícil que nos iludamos com as luzes falsas.

— «Somos assistidos pelos dons do Espírito Santo». Não nos faltará essa luz divina para as decisões morais, se invocarmos frequentemente a assistência do Espírito Santo: “Ó luz felicíssima, enchei o mais íntimo dos corações dos vossos fiéis”, diz a sequência de Pentecostes *Veni, Sancte Spiritus*.

— «Somos ajudados –diz ainda – pelo testemunho e conselho dos outros». Ajuda-nos muito frequentar um confessor fixo, com quem possamos ter direção espiritual.

— «Somos guiados pelo ensinamento autorizado da Igreja». O *Catecismo da Igreja Católica*, na sua edição típica vaticana, é uma fonte de claridade para as dúvidas e ignorâncias da nossa consciência. Basta consultar o assunto em questão no amplíssimo e excelente índice alfabético que, como um dicionário remissivo, se encontra no final do volume.

Nestes tempos de confusão e opiniões morais conflitantes, mesmo no âmbito católico, é importante ter presente o que São João Paulo II dizia sobre esse *Catecismo*:

O *Catecismo da Igreja Católica* é «norma segura para o ensino da fé..., texto de referência seguro e autêntico para o ensino da doutrina católica... É oferecido a todos os fiéis que desejam aprofundar o conhecimento das riquezas inexauríveis da salvação» (Constituição Apostólica *Fidei depositum*, de 11 de outubro de 1992).

V. O JUÍZO SOBRE OS MEIOS

1. Julgar e preparar os meios

Começamos recordando uma citação de Santo Tomás: «É próprio da prudência deliberar, julgar e ordenar os *meios* para se chegar ao *fim* devido»²¹. Em sintonia com o santo doutor, Josef Pieper escreve que «o caráter próprio da prudência é o comprometimento no campo *dos meios e dos caminhos*, no campo das realidades concretas»²².

E importante discernir os «caminhos verdadeiros»²³, ou seja, os *meios* apropriados para alcançar a meta proposta, porque a prudência – insistimos – é uma virtude prática: julga sobre a maneira adequada e eficaz de *fazer* algo.

Jesus mostra a importância dos meios com uma parábola simples:

Se algum de vós quer construir uma torre, porventura não se senta primeiro para calcular os gastos, para ver se tem o suficiente para terminar? Caso contrário, ele vai pôr o alicerce e não será capaz de acabar. E todos os que virem isso começarão a zombar: “Este homem começou a construir e não foi capaz de acabar!” (Lc 14, 28-30).

Esse planejador tinha uma meta honesta: edificar uma torre. Começou por refletir: sentou-se para pensar. Mas descuidou frivolamente o juízo sobre os meios: não calculou se tinha o suficiente. E o projeto ficou truncado.

Todos conhecemos casos parecidos de fracassos em empreendimentos comerciais, industriais, imobiliários, agrícolas, familiares, etc.

Vejamos uma história atual: —Após o aviso prévio, chegou o momento de o protagonista desta história se achar na rua. Já vinha cismando sobre a possibilidade de um novo trabalho. De repente, uma ideia despontou na mente: “O fundo de garantia! Posso aplicá-lo na criação de uma pequena empresa”. Mas qual empresa? Sempre trabalhou como engenheiro no ramo da construção civil. “As pessoas comem – disse de si para si –, as pessoas são gulosas”; e, com embalo poético, resolveu montar uma doceira.

— Já tinha trabalhado em alguma? Não. Tinha experiência de fabricação de doces? Nenhuma. “Mas tenho um amigo, possível sócio, que trabalhou um tempo nesse ramo da alimentação, ele conhece”. Tão pouco o conheciam ambos que, após oito meses, o fundo de garantia estava queimado e a doceira fechada. Para maior desgraça, a rua onde abriram o negócio tinha fama de ser um “cemitério de fundos de garantia”.

²¹ *Suma Teológica*, II-II, q. 47, a. 11, c

²² *Virtudes fundamentais*, citado, p. 20

²³ *Suma Teológica*, II-II, q. 51, a. 1

Nessa história precisamos enxergar algo mais que uma incompetência profissional. Temos que considerar a imprudência grave que decorre – em todos os campos – da nossa falta de *preparo pessoal*.

No “juízo sobre os meios”, o *meio* principal a se ter em conta é a *própria pessoa* que faz ou empreende: as suas qualidades, os seus conhecimentos, a sua competência, a sua experiência, as suas capacidades. Muitas das piores imprudências procedem de descuidar o devido “preparo da pessoa”; e, infelizmente, é para as coisas mais importantes da vida que se descure esse preparo.

Vamos meditar sobre duas delas a título de exemplo. Vou me alongar propositadamente neste ponto, pois acho que vale a pena.

2. Imprudência no casamento

Por que fracassam tantos casamentos? Não pretendo citar as principais causas, mas só algumas básicas, decorrentes da falta de prudência. Pode ilustrar isso uma parábola do Evangelho.

Na parábola das “dez virgens” – como é tradicionalmente designada – Jesus focaliza um costume dos casamentos da época. Um grupo de moças, amigas da noiva, iluminavam à noite o cortejo nupcial. Para tanto, cada uma trazia uma lâmpada de óleo, mais uma pequena vasilha de reserva.

Na parábola que agora evocamos, as moças eram dez: cinco sensatas e cinco avoadas. Essas últimas, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram consigo o óleo de reserva. Como é de praxe, os noivos se atrasaram, e as todas as moças começaram a cochilar. À *meia-noite ouviu-se um brado: “Aí vem o esposo, ide ao seu encontro!”* *Despertaram todas e aprontaram as lâmpadas. As imprudentes disseram às sensatas: “Dai-nos do vosso óleo, que as nossas lâmpadas se apagam”.* Mas não havia o suficiente. Tentaram comprá-lo mas, quando regressaram, a sala do banquete já tinha as portas trancadas. Bateram e não foram aceitas: *Não conheço vocês*, respondeu uma voz lá dentro (cf. Mt 25, 1-12).

Que lhe diz essa parábola? É o retrato das pessoas que sonham, que vibram com seu sonho – pensemos concretamente no casamento –, que preparam, longa e cuidadosamente tudo o que é material e secundário, como as cinco moças insensatas prepararam vestido e penteado, mas se esquecem de aprontar o imprescindível. Quando chega a hora sonhada, encontra-as sem chama, sem luz. Ficam no escuro e nele se perdem. Poucos anos depois do casamento não sabem mais o que querem nem aonde vão parar.

A conclusão é clara. Não basta a boa vontade, a emoção, o sentimento, etc. etc., para que o amor amadureça e dure. Além da formação espiritual e da graça de Deus, é preciso, no mínimo, preparar-se:

— cultivando a *amizade* entre os dois. Se, no namoro e no noivado, eles só cultivam paixão, prazer e planos gostosos, não se conhecem; enganam-se com carinhos, festas, arrebatamentos e fumaças coloridas.

O namoro cristão é sábio: valoriza o mútuo conhecimento e a reflexão serena muito acima da paixão. Por isso, eu lhes diria: “Não façam como os namorados que se atiram estupidamente à embriaguez sensual. Vivam a castidade, delicada e sacrificada, que valoriza e torna o amor mais firme e estável, e não o reduz a um bem de consumo, que se gasta e pouco depois se joga fora”.

— “Dediquem mais empenho e mais tempo a conversar – diria também –, a trocar ideias, a conhecer bem o pensamento um do outro – para perceber se é superficial, vazio, frívolo, egoísta; ou é idealista, profundo, generoso, disposto ao sacrifício necessário para construir um ideal de família e de amor verdadeiro ... – ; dediquem tempo a planejar juntos essa construção (tijolo a tijolo!), sem ansiedade nem pressa afobada, degrau a degrau, doação a doação, renúncia a renúncia, aprendendo a achar a sua maior alegria na alegria que procuram dar ao outro...”

— Além disso (que não passa de uma síntese parcial e breve), procurem adquirir uma formação sólida sobre o matrimônio e a família. Não bastam breves cursos de noivos de fim de semana. Fazem falta semanas e meses de leitura, estudo e preparo sistemático, contando com o aconselhamento de casais experientes e exemplares. Há entidades dedicadas à família, que já oferecem cursos de alto padrão e eficiência ²⁴.

— Não digam que não têm tempo, porque isso de “não ter tempo” é uma história da carochinha. Não é questão de tempo, mas de vontade, de “querer”. E esforcem-se para que nunca se lhes possa aplicar aquela sentença desoladora: «Viveram sem se conhecerem, e morreram sem se amarem».

3. Imprudência na formação dos filhos

Muitas das atitudes que acabamos de mencionar aplicam-se – com a mesma força e urgência – à formação dos filhos.

²⁴ Procure, por exemplo, Instituto Brasileiro da Família (IBF) no Google, e a ADEF (Associação para o desenvolvimento da família).

Todos os pais desejam que os filhos sejam “bons”, que não sejam arrastados pelo aluvião de desordem, desorientação e vícios, que parece sequestrar boa parte da nossa juventude.

Não pretendo fazer aqui uma exposição sobre educação dos filhos. Limito-me a conclamar os pais a terem a prudência de não confundirem os filhos com anjinhos ou com couves. Sim, isso mesmo.

— “Anjinhos” não são. Todos nascemos com “uma gota do veneno da serpente do Paraíso”, como dizia Ratzinger, ou seja, com as tendências e os puxões dos sete vícios capitais: orgulho, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. Não empenhar-se em educar a sério as virtudes dos filhos – dentro de um clima de dedicação amiga, de exigência e de liberdade acompanhada – equivale a deixá-los prisioneiros dos sete tentáculos desse polvo dos vícios capitais.

– Também não confunda filhos com “couves”, que podem crescer sozinhas, e mal, em qualquer terreno baldio. Não vão se formar por si mesmos, nem basta o melhor colégio, se os pais não assumem “pessoalmente” a tarefa de educá-los (além de garantir-lhes escola, faculdade, saúde, etc.). Concretamente, assumam:

- A tarefa de formar-lhes o caráter, de formá-los nas virtudes humanas (fortaleza, justiça, temperança, desprendimento, respeito, compreensão...)

- A tarefa de formá-los na caridade, na vitória sobre o egoísmo grande ou pequeno. Isso é importante! Façam tudo para que abram o coração às necessidades do próximo – começando pelos irmãos, se tiverem – e não fiquem fechados em si mesmos

- Especialmente, ponham empenho em formá-los na fé, nos valores morais perenes do Cristianismo e na prática cristã. Leiam juntos, rezem juntos, expliquem-lhes a doutrina.

Reparem que muitos pais, com as suas omissões na educação dos filhos, são como o tal terreno baldio onde os filhos crescem como couves mirradas e bichadas, como mato que a vida se encarregará de queimar.

— Ninguém nasce sabendo formar filhos²⁵, menos ainda numa sociedade de confusões, ameaças, naufrágios e fogos cruzados de ideologias como é a atual. Nos tempos atuais, é preciso preparar-se bem para essa grande tarefa.

²⁵ cf. *A força do exemplo*, Ed. Quadrante, São Paulo 2005

“Preparar-se” não é recusar-se a ter filhos ou ter apenas um por medo dos perigos desse mundo. É dar o máximo para proporcionar-lhes os meios de formação moral e espiritual adequados – mais necessários do que o pão que comem – e para que sejam assim o que Deus quer deles: bons filhos de Deus, protagonistas da grande aventura de um futuro melhor.

— Mais umas poucas palavras, agora sobre a liberdade dos filhos. Perante a liberdade mal formada e mal acompanhada que os pais dão muito cedo aos filhos, caberia perguntar-se se isso consiste realmente em deixá-los livres, ou em livrar-se deles e jogá-los às feras. Uma liberdade sem norte equivale a um suicídio programado. Que cada pai e mãe se perguntem sinceramente como praticam a prudência neste ponto crucial.

— E ainda mais uma consideração, bem importante nos nossos dias: é preciso aprender a arte de corrigir os filhos. É uma das prudências mais elevadas. Seleciono aqui apenas algumas breves sugestões de São Josemaria para os pais e formadores:

Quando se vê a necessidade de corrigir, é preciso «contar antecipadamente com o desgosto alheio e com o próprio, se desejamos de verdade cumprir santamente as nossas obrigações de cristãos ... Não esqueçais que é mais cômodo – mas é um descaminho – evitar a todo o custo o sofrimento, com a desculpa de não desgostar o próximo. Frequentemente, esconde-se nessa inibição uma vergonhosa fuga à dor própria, já que normalmente não é agradável fazer uma advertência séria. Meus filhos, lembrai-vos de que o inferno está cheio de bocas fechadas»²⁶.

« Que nenhuma razão hipócrita vos detenha: aplicai o remédio nítido e certo. Mas procedei com mão maternal, com a delicadeza infinita com que as nossas mães nos curavam as feridas grandes ou pequenas dos nossos jogos e tropeções infantis. Quando é preciso esperar umas horas, espera-se; nunca mais que o imprescindível, já que outra atitude encerraria comodismo, covardia, que são coisas bem diferentes da prudência. Todos nós – e principalmente os que se encarregam de formar os outros – devemos repelir o medo de desinfetar a ferida»²⁷.

Vimos esses dois exemplos práticos com certa extensão. Sirva isso como apelo para não ficarmos com ideais gerais ao exercitar a prudência.

VI. OS MEIOS MAIS NECESSÁRIOS

1. A mais necessária das prudências

²⁶ *Amigos de Deus*, n. 161

²⁷ *Ibidem*, n. 158

Ao falar, no capítulo anterior, da responsabilidade de preparar os “meios” adequados para alcançar o fim que se deseja, frisávamos que o principal “meio” é a própria *pessoa* que age.

Neste capítulo vamos considerar algumas qualidades essenciais relativas ao preparo da *pessoa em si*, não só ao preparo especializado dela para determinadas ações, responsabilidades ou tarefas: para ser pai, para ser administrador, etc.

Tomemos como ponto de partida um “caso” simplificado. João foi o melhor aluno da melhor faculdade do país. Fez pós-graduação com a máxima qualificação. Mestrado e doutorado em Harvard. Volta à sua cidade, com essas credenciais e logo consegue emprego numa grande firma. Mas já no segundo mês, diretores, gerentes e colegas começam a sentir-se mal junto dele. A sua arrogância humilha. Companheirismo, zero. Seu desprezo pelas opiniões dos colegas e auxiliares torna o trabalho um inferno. Convencido da sua importância, sente-se no direito de irar-se, vive dando broncas, ofende e de produz contínuos conflitos, que acabam explodindo na diretoria. Não precisa dizer que, se não se corrige, não haverá empresa que o agüente, e os pomposos títulos só servirão para serem pendurados na parede como decoração.

É um caso simplificado, dizia, mas serve para evidenciar que nem as qualificações acadêmicas, nem as capacitações técnicas, nem um alto grau de especialização e experiência setorial definem o “valor humano” de uma pessoa. Ela poderá até chegar ao pináculo da sua “especialidade”, mas fracassará na “vida” como ser humano.

Uma faca enferrujada pode servir para furar bem ou mal uma caixa de papelão, mas não serve para uma cirurgia cardíaca de que depende uma vida.

Vejamos, então, alguns aspectos que temos de trabalhar para não sermos faca enferrujada. Por outras palavras, que *condições pessoais* precisamos ter para sermos prudentes em *todas* as circunstâncias.

Focalizaremos quatro dessas condições, sendo que as duas primeiras são pilares insubstituíveis.

2. Sermos pessoa de critério

Têm critério as pessoas que adquiriram formação e lucidez suficientes para captar com facilidade o que está certo e o que está errado. Não só do ponto de vista moral (importante para o juízo da consciência), mas de todos os pontos de vista práticos:

— Isto vai ajudar ou prejudicar?

- Isto é o que a pessoa precisa ou vai lhe atrapalhar?
- Isto educa os alunos ou os desorienta?
- Este é um bom plano ou é uma confusão insensata?
- Isto será um fator de crescimento, ou de complicação?
- Qual será a repercussão pessoal, familiar ou social de tal ou qual decisão minha?

No nível profissional, todos conhecemos pessoas de critério: um médico experiente dotado de um olho clínico perspicaz, um advogado que percebe ao primeiro golpe de vista qual será a melhor solução, um engenheiro que vê logo que um arco está mal calculado.

São pessoas em quem se confia e às quais se recorre com segurança, gente que têm a prudência enriquecida por um “aditivo” especial, que Santo Tomás chama *solertia* [não confundir com a equivalente palavra portuguesa], que é a capacidade de enxergar logo, intuitivamente – sobretudo em situações inesperadas –, os problemas objetivos e as melhores soluções.

— A primeira coisa que é preciso dizer é que o critério não nasce conosco, como a inteligência, nem se obtém por inspiração angélica. Ganha-se com “labor e suor” (*in labore et sudore*). Não é lícito, como dizia cruamente alguém, refugiar-se na estúpida suficiência de um saber fictício. A presunção do ignorante que pontifica e dá palpite sobre aquilo que não conhece, além de ridícula, é o polo oposto da prudência.

Convença-se – quero insistir-lhe – de que não basta ter boa intenção, bom coração e boa vontade, unidos a um bom preparo técnico, para enfrentar prudentemente os desafios da vida. Só poderá ganhar bom critério a pessoa que se esforçar seriamente – com perseverança diária – em aprimorar a sua formação, especialmente a sua formação cristã, nas questões doutrinárias, morais e espirituais.

Hoje, quem quiser pode encontrar muitas obras e outros meios valiosos²⁸ que – sob a orientação de conselheiros experientes – podem enriquecer constantemente a nossa formação.

Concretamente, quando se trata de um cristão, a aquisição de critério exige necessariamente:

— *Ter doutrina*. Conhecer em nível suficientemente elevado (para um adulto, não basta o catecismo das crianças) o ensinamento de Cristo e a doutrina da Igreja. Décadas atrás, talvez bastasse o clima familiar para transmitir critérios cristãos certos. Atualmente, não. Cada um tem que se empenhar em adquiri-los, como aquele comerciante, de que

²⁸ E também, cursos a distância pela mídia virtual, de boa qualidade, e *sites* de reta doutrina moral, religiosa e espiritual, preparados para formar, informar e resolver dúvidas.

Cristo fala, que procurava uma pérola preciosa e não parou até consegui-la (Mt 13, 45-46).

— *Ter sinceridade de vida*. Quer dizer, fazer o esforço de adequar a conduta à fé. Se não há vivência, é impossível adquirir a “sabedoria do coração”, um outro nome que o Livro dos Provérbios dá à prudência (Pr 16,21). Só as verdades encarnadas na prática são luminosas, tanto para a nossa vida como para a dos outros.

— *Viver em graça de Deus*. Usar habitualmente os meios de que dispõe o cristão para adquirir a graça do Espírito Santo, e para recuperá-la, se a perdeu: os Sacramentos da Confissão e da Eucaristia, a oração, o amor a Deus e ao próximo com que se realizam, com a maior perfeição possível, os deveres que tecem a vida diária.

Quando há esse empenho de autenticidade, os dons do Espírito Santo colocam-nos facilmente diante da Luz de Deus, sobretudo o dom de Conselho, que «julga, nos casos particulares, o que convém fazer em ordem ao fim sobrenatural [à santificação e à salvação eterna]»²⁹.

3. Cultivar as virtudes humanas e cristãs

«Persuadi-vos – escreve São Josemaria – de que um cristão, se de verdade pretende conduzir-se retamente diante de Deus e diante dos homens, precisa de todas as virtudes, pelo menos em potência»³⁰.

Tenhamos presente o que dizia o Pe. Antonio Vieira: «Os olhos veem pelo coração; e assim como quem vê por vidros de diversas cores, todas as coisas lhe parecem daquela cor, assim as vistas se tingem dos mesmos humores de que estão bem ou mal afetos os corações»³¹.

Onde o Pe. Vieira diz “humores”, coloquemos “vícios”, que são o contrário das virtudes. Para alcançar a clareza do *olhar*, do *ulgamento* de que a prudência precisa (cf. Mt 6, 22-23), é necessário limpar esses “humores”, e eles só se limpam com a luta pelas virtudes, ajudados pela graça de Deus.

— Em primeiro lugar – porque têm uma função básica –, precisamos esforçar-nos por cultivar as virtudes humanas³² já mencionadas antes, ou seja as “virtudes morais”: prudência, justiça, fortaleza, temperança... e as outras virtudes ligadas a elas. Essas

²⁹ Antonio Royo Marín, *Teología de la perfección cristiana*, 5ª ed. BAC, Madrid 1968, p. 547

³⁰ *Amigos de Deus*, m. 161

³¹ *Sermão da quinta quarta-feira*, 1669

³² Cf. *A conquista das virtudes*, Coedição Cultor de Livros e Cléofas, 2ª ed., São Paulo 2015

virtudes já foram comparadas à estrutura óssea de um corpo. Sem ela, o corpo se esparramaria no chão como uma ameba. Pois bem, sem virtudes, só pode haver homens e mulheres “amebas”, incapazes de segurar a direção prudente da vida.

— Não duvide de que as quatro virtudes cardeais são inseparáveis. Sem fortaleza, não há autodomínio, quer dizer, não há temperança. Essa moleza impede também que a prudência utilize, com constância e firmeza, os “meios”. Por sua vez, a falta de temperança nos prazeres corporais, ofusca a mente e escurece a prudência, e também enfraquece a vontade desfibrando assim a fortaleza. Finalmente, sem justiça a alma se corrompe e confunde o certo com o errado; deixa de ter, então, um norte que lhe oriente a prudência.

— Acima das virtudes humanas, e vivificando-as todas, estão as virtudes teologais: fé, esperança e caridade. Essas três virtudes, diz o *Catecismo da Igreja*, «informam e vivificam todas as virtudes morais» (n. 1813). Elas criam a abóbada luminosa onde a prudência é guiada com segurança pela “estrela” de Deus, como na história dos Magos.

— Quando a alma vive sob o influxo dessa constelação de virtudes – teologais e morais –, os valores da vida se enxergam de uma forma mais alta, e a prudência, que agora já é “prudência sobrenatural”, toma rumos bem mais elevados.

Vale a pena recordar uma cena evangélica, que fala da vida de um jovem, que fracassou pela falta de prudência sobrenatural.

O Evangelho nos mostra um rapaz idealista e impetuoso. Empolgado, ao ver e ouvir Jesus, correu ao encontro dele e se lhe jogou aos pés dizendo: *Bom Mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna?* Queria estar com Deus, muito perto de Deus e para sempre. Jesus indicou-lhe o caminho dos dez Mandamentos da Lei de Deus. Satisfeito, o jovem respondeu: *Eu os tenho observado desde a minha adolescência.*

Jesus então – diz São Marcos – olhou para ele com carinho, e lançou-lhe um apelo: *Ainda te falta uma coisa.* O que faltava era largar tudo e segui-lo, como fizeram Pedro, João, Mateus, Tiago.... Mal ouviu o apelo da vocação, o jovem *ficou pesaroso e foi embora cheio de tristeza, pois possuía muitos bens.* Ficou com o seu dinheiro e a sua tristeza, talvez para sempre... (cf. Mc 10, 17-22).

Fez uma inversão de valores. Mais do que acolher o amor de Deus e o privilégio da vocação divina, preferiu aconchegar-se nos seus bens materiais, no dinheiro. Bem dizia Jesus que *ninguém pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e à riqueza* (Mt 6, 24).

4. Doas virtudes auxiliares

Há uma série de virtudes que Santo Tomás chama “partes integrantes” da prudência, porque só com elas a prudência funciona bem³³. Vamos considerar duas delas:

— A *docilitas* (palavra ligada ao verbo latino *docere*, ensinar)

«A prudência – diz o santo doutor – refere-se às ações particulares, nas quais a diversidade é quase infinita. Não é possível que um só homem seja plenamente informado de tudo o que a isso se refere, nem em um curto tempo, senão em um longo tempo. Por isso, no que se refere à prudência, em grande parte o homem tem necessidade de ser instruído por outros»³⁴.

Docilitas é a arte de consultar a quem pode *aconselhar-nos* – como lembrávamos acima –, e de acolher os seus conselhos e sugestões de mente aberta, com ponderação e sem preconceitos.

Como é difícil a arte de “escutar”. Passamos grande parte da vida escutando-nos a nós mesmos. Ao fazer isso, substituímos a razão objetiva pela subjetividade dos nossos desejos, caprichos e vontades. É lógico que, assim, muitos “juízos” e “decisões” pessoais saiam deturpados.

É próprio do prudente consultar e escutar. Pelo contrário o vaidoso fala, fala, fala, impõe seus pontos de vista, nem que seja na base de gritar mais alto do que os outros. Assim impossibilita o diálogo, ignora a troca enriquecedora de pareceres. Quem não sabe ouvir se empobrece. Isso é muito ruim na família, é ruim entre amigos, é ruim na empresa, é ruim no esporte, é ruim na Igreja ...

— A *previdência*. É outra “parte integrante” da prudência. Dela, Santo Tomás afirma, entre outras coisas: «Deve-se dizer que todas as vezes que muitas coisas são requeridas para uma ação, uma delas é necessariamente a principal à qual todas as outras se subordinam»³⁵.

No mundo atual, é normal estar envolvido em muitas coisas, numa complexidade de ocupações e deveres. É necessário ordená-los. Não permitir que o secundário ocupe o lugar do principal, ou que o nosso tempo se organize de forma a deixar de lado os deveres primordiais.

³³ S. Tomás chama-as partes integrantes pois são, diz ele, como «as paredes, o teto e as fundações que são parte de uma casa» (*Suma Teológica*, II-II, 48 c)

³⁴ *Suma Teológica*, II-II, 49, 3 c)

³⁵ *Ibidem*, II-II, 49, 6, 1

Para mencionar um exemplo comum, lembre-se do grande número de pais e mães que, pela dedicação “desordenada” (ou seja, não necessária nem inevitável) ao trabalho profissional, não deixam espaço para o convívio familiar, não acham tempo para a conversa entre mulher e marido, nem para o diálogo e a vida compartilhada com os filhos.

Isso tudo é uma desordem na hierarquia de valores. Uma imprudência séria, que – por falha na formação da consciência moral – é praticada por muitos como a coisa mais natural do mundo.

O prudente decide sobre os fins e os meios mantendo a ordem de importâncias: ao que é primeiro, deve dedicar-se a melhor atenção e empenho, ainda que não se lhe possa dedicar o maior tempo.

Quer uma ordem hierárquica clara?

- primeiro, Deus (e os mais necessitados, espiritual e corporalmente, que Jesus identifica consigo: cf. Mt 25, 40)
- segundo, a família, a “começar” pela mútua dedicação do casal
- terceiro, os deveres profissionais e sociais, e a responsabilidade pelo bem comum

Dissemos desde o começo que a pessoa prudente tem que *decidir* quais os fins certos e os meios adequados que deve escolher. Falta-nos apenas refletir sobre a ação, sobre a *decisão de agir*, de pôr em prática esses meios. É o que veremos nos próximos capítulos.

VII. TERCEIRA ETAPA: A DECISÃO

1 – A etapa “definitiva” da prudência

Até aqui acompanhamos dois elementos necessários para a virtude da prudência: a *reflexão* (não agir sem antes ter pensado devidamente) e o *juízo* (ter julgado ponderadamente acerca dos valores e dos meios a empregar). São dois passos importantes da prudência: conforme o caso, podem ser praticados em poucos segundos, em horas, ou em dias e até mesmo em anos. Mas são necessários para o momento decisivo, que é a hora de *agir* com prudência, a “hora da verdade”.

Neste sentido, Santo Tomás ensina que «ato principal» da prudência é «comandar, que consiste em aplicar o conhecimento ao desejo e à ação»³⁶. Comandar é determinar-se a agir. Por isso, Josef Pieper pode afirmar que a prudência é «a perfeita capacidade de decisão em função da realidade»³⁷.

Essa decisão leva o processo da prudência à perfeição. Por isso se diz que a prudência é a virtude característica do governante. «Onde se encontra uma razão especial de direção e de comando nos atos humanos, haverá também uma razão especial de prudência... Por isso se considera a ciência de governo uma espécie de prudência»³⁸

Vale a pena meditar sobre isso porque frequentemente se cometem graves imprudências por faltas de decisão (no governo da família, de qualquer comunidade, de um país, etc.).

Vejamos algumas modalidades do vício da “indecisão”. Todas elas, evidentemente, são manifestações de fraqueza moral.

2. A hesitação

A vida não é um jogo matemático, no qual todos os elementos e variáveis possam se meter numa tabela ou num computador para obter o resultado infalível.

Não sei se leu ou ouviu dizer que um computador sofisticado da IBM, o *Deep blue*, acabou vencendo, em 1997, Garry Kasparov, talvez o maior enxadrista de todos os tempos.

Acontece, porém, que não existe o computador do namoro, nem o computador da fidelidade conjugal, nem o computador do amor ao próximo, nem o da vocação cristã, nem sequer o do sucesso de uma missão política ou militar, ou de uma simples microempresa comercial.

Se esse computador existisse, muito teria ajudado Flora, a jovem do romance *Esaú e Jacó* de Machado de Assis. Flora, a eterna hesitante, morreu sem se haver decidido por nenhum dos dois gêmeos, Pedro ou Paulo, que a cortejavam. Pela sua fraqueza de caráter, se morresse aos noventa anos, seria enterrada ainda indecisa.

Com perdão pela comparação, pessoas assim vivem uma história análoga à experiência feita por alguns biólogos há tempos: encerrar um cachorro em um cubículo em frente a duas tigelas atulhadas de boa comida, uma à direita e outra à esquerda. Que

³⁶ II-II, q. 47, 8 c

³⁷ Obra citada, p. 44

³⁸ Santo Tomás, *Suma Teológica* II-II, 50, 1 c

aconteceu? Diante dos dois banquetes tentadores, o cão morreu de fome antes de engolir um bocado. São as pessoas do famoso «nem sim nem não, antes muito pelo contrário»

Às vezes custa *decidir*, porque isso significa inevitavelmente *excluir*. Se você decide casar-se com tal pessoa, exclui todas as outras. Aquele que decide alistar-se como voluntário na força de paz da ONU exclui continuar na tranquilidade do lar. Não se pode jogar baralho mantendo todas as cartas na mão. Algumas delas, por vezes a maioria, têm que ser descartadas.

2. O medo

Outras vezes, para nos decidirmos a algo que valha a pena, precisamos ultrapassar a barreira do medo.

— Medo de que não dê certo. Medo dos imprevistos. Medo das dificuldades. Medo de não ser capaz. Se você não vencer esse medo, nunca fará nada.

A *decisão* exige “lançar-se” a fazer, sabendo que nada na vida está absolutamente garantido e sempre podem surgir surpresas ou imprevistos. Sem essa coragem de começar, de empreender, de arriscar, nunca faríamos nada que valesse a pena... e nem sequer enfrentaríamos as dificuldades do cotidiano. Não iríamos de carro, porque poderia haver um acidente, não desceríamos uma escada porque poderíamos escorregar e quebrar o pescoço...

Shakespeare mostra-nos Hamlet monologando sobre a sua própria reflexão indecisa: ele reconhece que se dedica a «pensar nas consequências com excessiva minúcia», e acaba confessando: «Reflexão esta que, de quatro partes, tem uma só de prudência e sempre três de covardia»³⁹.

Aos que se sintam indecisos por esse tipo de medos, aconselharia ler os relatos das diversas viagens de Amyr Klink. Impressiona a seriedade – a prudência! – com que preparou em cada caso o barco, os alimentos, as rotas, o clima, o estudo das correntes marítimas, as experiências dos exploradores mais qualificados, e tantos detalhes mais.

Quando chegou a hora em que, com tudo suficientemente preparado, tinha que partir, partiu. E não recuou no meio da travessia. Assim se inscreveu entre os grandes dessas aventuras imortais (Amundsen, Shackleton...). Bem conhecidos são alguns conselhos dele, que são verdadeiras máximas de prudência:

³⁹ *Hamlet, príncipe da Dinamarca*, ato quarto, terceira cena.

- «Para se chegar, onde quer que seja, é preciso, antes de mais nada, querer».
- «O pior naufrágio é não partir».

Medite também estas outras considerações de São Josemaria:

«Pela prudência, o homem é audaz, sem insensatez. Não evita, por ocultas razões de comodismo, o esforço necessário [...]. Não atua com tresloucada precipitação ou com absurda temeridade, mas assume o risco das suas decisões e não renuncia a conseguir o bem por medo de não acertar»⁴⁰.

3. O falso querer

A prudência pode perder-se pela fragilidade do querer. É o caso das pessoas que querem, dizem que querem, mas falta-lhes caráter e convicção.

Tranquilizam a consciência pensando que, na verdade, “estão querendo sinceramente” (dedicar-se muito mais aos filhos, preparar um concurso difícil, assumir um compromisso de serviço à comunidade, resolver longas dúvidas sobre a vocação), mas na realidade não querem, só “gostariam de”...

São os que alguém chamava “os suicidas do condicional”. “Eu gostaria muito de recomeçar a minha vida cristã: assisti a um filme sobre padre Pio e chorei”, “Eu gostaria tanto de fazer juntamente com a esposa um curso de orientação familiar do IOF, me falaram que é ótimo... Vamos ver se no ano que vem vai dar, quem sabe...”.

Mil desculpas de pura moleza ou preguiça levam a não resolver. *Os desejos matam o preguiçoso*, diz o Livro dos Provérbios (21, 25). Morre no pântano do condicional.

Para esses São Josemaria escrevia: «Um querer sem querer é o teu... – Não queiras iludir-te dizendo-me que és fraco. És ... covarde, o que não é o mesmo» (*Caminho*, n.714).

Em contraste com os moles inoperantes, penso em Santa Teresa de Ávila. Uma mulher de fraca saúde e com uma vida cheia de incompreensões, perseguições e obstáculos aparentemente invencíveis. Tinha orado, meditado e se aconselhado muito; por isso estava certa do que Deus lhe pedia. E em poucos anos realizou – com a fundação de um grande número de mosteiros de carmelitas descalças – o que raríssimos homens e mulheres de empresa conseguem durante a vida⁴¹. Um trabalho, um serviço, que continua a dar frutos vigorosos e saborosos em todo o mundo.

⁴⁰ *Amigos de Deus*, n. 88

⁴¹ Ver *Livro da vida e As Fundações*. Ed. Paulus, São Paulo

A importância de um querer sincero atinge o grau máximo quando se trata de decisões das quais depende o sentido profundo da existência (o ideal, a fé, a vocação cristã, a fidelidade, o amor, a família).

Pensando nisso, peço-lhe que medite devagar (sinceramente!) este ponto de *Caminho*: «Dizes que sim, que queres. - Está bem. – Mas... queres como um avaro quer o seu ouro, como uma mãe quer ao seu filho, como um ambicioso quer as honras, ou como um pobre sensual quer o seu prazer? – Não? Então não queres» (n. 316).

4. A negligência

Santo Tomás, ao tratar sobre a prudência, na *Suma Teológica*, dedica alguns capítulos (“artigos”) à negligência.

«A negligência – diz – implica a falta da *solicitude* devida... Procede de um certo relaxamento da vontade, que faz com que não se estimule o raciocínio para que dele surja a determinação de fazer o que se deve e do modo devido»⁴².

“Solicitude” significa zelo, empenho por atingir um objetivo. Para isso, é preciso que haja um querer, um ideal que aqueça a alma e a mantenha desperta. O negligente não tem nada disso, nem metas de superação nem verdadeiros ideais. Só pensa com imediatismo, só fala em lugares comuns, só comenta festas, campeonatos, jogos, aventuras efêmeras, experiências étlicas e “viagens”...

Em suma, a negligência identifica-se com a frivolidade, um dos grandes inimigos da prudência. É um defeito característico das pessoas vazias por dentro: caprichosas, inconstantes de pensamento e de caráter, passivas, avoadas, volúveis, distraídas... Têm a consistência de uma bolha de sabão, embora apresentem às vezes, como a bolha, brilhos irisados.

São Josemaria alerta vigorosamente contra essa perigosa imprudência: «Não caias nessa doença do caráter que tem por sintomas a falta de firmeza para tudo, a leviandade no agir e no dizer, o estouvamento..., a frivolidade, numa palavra. – Essa frivolidade, que – não o esqueças – torna os teus planos de cada dia tão vazios (“tão cheios de vazio”), se não reages a tempo – não amanhã; agora! – fará da tua vida um boneco de trapos morto e inútil (*Caminho*, n. 17).

E, quando se trata da vida espiritual cristã, o mesmo santo faz um diagnóstico preciso, sobre o qual você fará bem de se examinar ponto por ponto: «És túbio se fazes

⁴² *Suma Teológica.*, II-II, q. 54, a. 1-3

preguiçosamente e de má vontade as coisas que se referem ao Senhor; se procuras com cálculo ou “manha” o modo de diminuir os teus deveres; se só pensas em ti e na tua comodidade; se as tuas conversas são ociosas e vãs; se não aborreces o pecado venial; se ages por motivos humanos [sem pensar em Deus]» (*Caminho*, n. 331).

5. O vício de protelar

Há pessoas que padecem de um tipo especializado de negligência: postergar tudo o máximo possível. Não sei se o fazem de propósito ou como efeito da compulsão de sua irresponsabilidade.

Chegam esbaforidos ao aeroporto e apanham o avião na última chamada, ou simplesmente o perdem. Atrasam renovar a carteira de motorista, com risco de apanhar a correspondente multa ou sanção. A mesma coisa com o passaporte. Perdem outros prazos, com consequências jurídicas e monetárias lamentáveis. E se afobam quando já não dá tempo.

É importante compreender que a verdadeira prudência exige *decisões prontas*.

Santo Tomás, reportando-se a Aristóteles afirma: «É preciso deliberar calmamente, mas pôr prontamente em ação aquilo que antes foi deliberado e julgado»⁴³.

Façamos um balanço. Quantos bons projetos e propósitos nossos acabaram inutilizados, mofando no quarto de despejo da vida, por falta de prontidão, porque “chegamos tarde”. Fomos adiando-os, sem razões de peso e com pesada leviandade, e depois ficamos chorando a frustração daquilo que poderíamos e deveríamos ter feito. Quantas páginas da nossa vida ficaram em branco, e nos sussurram no fundo da consciência aquelas palavras de Cristo: *Servidor mau e preguiçoso, devias...* (Mt 25, 27).

«A prudência exige habitualmente uma determinação pronta e oportuna – ouçamos de novo São Josemaria –. Se algumas vezes é prudente adiar a decisão até que se completem todos os elementos de juízo, outras seria uma grande imprudência não começar a pôr em prática, quanto antes, aquilo que vemos ser necessário fazer, especialmente quando está em jogo o bem dos outros»⁴⁴.

VIII. QUARTA E ÚLTIMA ETAPA: A REALIZAÇÃO

1. Decisões de curto e longo prazo

⁴³ *Suma Teológica*, II-II, q.47, a. 9, c

⁴⁴ *Amigos de Deus*, n. 86

Nem todas as decisões, como é óbvio, têm subjetivamente a mesma dimensão. É diferente a decisão de votar num determinado candidato da decisão de constituir uma família ou de instalar uma grande usina. Todas elas exigem uma ponderação prévia, séria e responsável. Mas, nas eleições, o ato de votar é coisa de minutos. Nos outros casos, a responsabilidade é contínua, *sine die*.

Vamos chamar “decisões permanentes” essas que miram a vida inteira ou um longo período de tempo. Jesus amava a palavra permanecer. Repetiu-a com insistência na Última Ceia quando se despedia dos apóstolos: *Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós... Aquele que permanece em mim, esse dá muito fruto... Permanecei no meu amor...* (Jo 15, 4.5.9).

Permanecer significa manter a decisão tomada, apesar das dificuldades, do cansaço e das demoras.

Segundo Pieper, a prudência nesses casos «significa a coragem que se arrisca na decisão irreversível»⁴⁵.

As decisões que atingem profundamente a vida devem manter-se vivas através dos anos, contra vento e maré. Para conseguir isso, são necessárias três qualidades habituais: *firmeza, capacidade de renovar-se e humildade de retificar*.

2. Firmeza

Vamos escutar umas palavras de Santa Teresa de Ávila, que são como uma sacudida revigorante da alma. Dirigindo-se às jovens que desejavam seguir a vocação de carmelita descalça, escreve:

«Importa muito, e tudo, uma grande e muito determinada determinação de não parar até alcançar a meta, venha o que vier, aconteça o que acontecer, sofra-se o que se sofrer, murmure quem murmurar, mesmo que não se sintam forças para prosseguir, mesmo que se morra no caminho ou não se tenha ânimo para os sacrifícios que há que enfrentar, ainda que se afunde o mundo...»⁴⁶.

Santa Teresa era enérgica. Uma mulher e tanto, que ultrapassou com garra mil obstáculos. Mas não foi o que hoje se chama uma “voluntarista”, isto é, uma pessoa que acha que tudo depende única e exclusivamente da sua força de vontade. Esse foi o erro de Pelágio, no século V, que a Igreja condenou.

⁴⁵ Obra citada, p. 33

⁴⁶ *Caminho de perfeição*, 21, 2

Santa Teresa nunca se esqueceu de que, sem a ajuda a graça de Deus, não seríamos capazes de mexer um dedo⁴⁷. Pelo menos uma vez por semana, como todas as Irmãs, rezava com estas palavras: *Se o Senhor não construir a casa, é inútil a fadiga dos que a constroem* (Sl 127 [126], 1); *pois tu és, ó Deus, a minha fortaleza* (Sl 43 [42], 2). Por isso, ao empreender tarefas que ultrapassavam as suas forças confiava tudo a Deus mediante muita oração, intensa e cheia de fé, e pedia às suas Irmãs que orassem dia e noite, sem cessar, “importunando” a Deus com suas petições.

Ao mesmo tempo, sabia que, contando em primeiro lugar – sempre e para tudo –, com o auxílio da graça de Deus, é preciso que façamos da nossa parte todo o esforço humano possível. Deus não abençoa a preguiça nem a inconstância. Ele quer contar com a nossa colaboração. Então podemos exclamar: *Sim, contigo sinto-me forte, com o meu Deus venço qualquer barreira* (Sl 18 [17], 30).

As barreiras, as dificuldades, são o teste da firmeza das nossas decisões⁴⁸. Quando queremos mesmo, enfrentamos os problemas com força. Assim, os obstáculos que ameaçam impedir-nos de chegar à meta – mesmo os da nossa fraqueza, das nossas debilidades ou quedas pessoais –, em vez de nos paralisar, nos estimulam a reagir, a rezar mais e a empenhar-nos mais.

«Cresce perante os obstáculos – lemos em *Caminho – A graça do Senhor não te há de faltar: Inter medium montium pertransibunt aquae!*: - passarás através das montanhas! (n. 12).

Assim, mantendo a firmeza perante as dificuldades, as virtudes que nos farão chegar à meta amadurecem: a humildade, o amor, a esperança, a perseverança, a fé, a paciência, o espírito de sacrifício ... As águas passam através das montanhas e, com a ajuda de Deus, atingimos o ideal proposto.

3. Capacidade de renovação

As melhores “decisões permanentes” esmorecem quando nos dedicamos apenas a marcar o passo, a prosseguir por inércia, por rotina cega.

⁴⁷ *Permaneço em mim – disse Jesus – e eu permanecerá em vós. Como a vara não pode dar fruto por si mesma, se não estiver unida à videira, assim acontecerá convosco se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer* (Jo 15, 4-5).

⁴⁸ cf. *O valor das dificuldades*, 2ª ed., Ed. Quadrante, São Paulo.

Digo rotina cega, porque há rotinas lúcidas. A cega é a simples continuidade, manutenção mecânica e mortífera de uma resolução tomada tempos atrás. A lúcida é a que se renova todos os dias, e se vivifica com iniciativas criativas.

Entre as decisões permanentes, mencionávamos antes a decisão de construir uma família. Fiquemos com esse exemplo. Você deve ter visto muitas vezes – vezes demais! – famílias que começaram bem, no sonho e a esperança, ... e foram esmorecendo até afundar-se num mundo cinzento de maus humores, egoísmos e queixas. O amor ficou no grau mínimo da fidelidade: apenas “não” se separaram.

Não foi para afogar-se nesse nevoeiro que marido e mulher decidiram casar-se e ter filhos. Acontece, porém, que deixaram o barco correr sem se renovar, e assim a família foi deslizando rio abaixo, até perder grande parte da alegria, dos sonhos e do ideal.

A rotina “cega” vai desgastando a força das decisões. Pelo contrário, a rotina “lúcida” as desenvolve, as purifica, as mantém vivas, as multiplica e as leva à maturidade.

É bom meditar no que dizia Santo Agostinho: «Não fiques nunca satisfeito com aquilo que és, se queres chegar ao que ainda não és. Porque onde te consideraste satisfeito, lá mesmo ficaste parado. Se disseres “já basta”, morreste. Cresce sempre, progride sempre, avança sempre»⁴⁹.

Atitude viva é, por exemplo, a do casal que inicia cada dia com uma pequena ideia nova, uma iniciativa pensada para fazer o outro – ou os outros, os filhos – um pouco mais felizes: um cumprimento mais carinhoso, uma pequena surpresa, uma atitude de proximidade e conforto nas penas, um interesse sincero pelo que aos outros interessa, o propósito de silenciar o que os pode aborrecer e de procurar comentários que incentivem...

É interessante observar que há um grande paralelismo entre o amor a Deus e o amor humano. Se o amor a Deus de um cristão quer crescer – como todos deveríamos desejar – tem que avançar cada dia um pouco, com sacrifício e alegria (melhorando a oração, com confissões e comunhões mais frequentes, com pequenos sacrifícios, com constância diária nas leituras que renovam as ideias e os propósitos, etc.).

Fazendo isso se descobre que quando, na vida de um cristão, o amor a Deus se renova, também os amores humanos se vão renovando com mais facilidade. Não são amores separáveis. Ambos fazem parte do “primeiro mandamento”: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (cf. Mt 22, 37-39).

⁴⁹ *Sermão* 169, 18

Tomara que assumíssemos como programa o que descrevia São Gregório de Nissa: «Aquele que vai subindo jamais cessa de progredir, *de começo em começo*, através de começos que não têm fim⁵⁰.

Quando as coisas fundamentais da vida – essas que dão sentido à vida – vão mal, a nossa tentação consiste em culpar os outros ou as circunstâncias. Seria melhor que fizéssemos uma boa autocrítica, que em linguagem cristã se chama exame de consciência: “Se eu melhorasse, se eu mudasse, se eu tentasse..., será que não mudariam muitas coisas à minha volta e, sobretudo, não mudariam os outros?”

Procuremos, então, uma direção espiritual periódica, façamos um retiro ou algum curso de formação cristã, algo ..., mas não concluamos que “não dá mais”. Reconheçamos que a nossa decisão permanente ficou congelada dentro do freezer dos nossos defeitos. Tiremo-la de lá e coloquemo-la diante da luz e do calor de Deus, adotando a tática de Santo Agostinho:

«Ainda corro, ainda avanço, ainda ando, ainda estou no caminho, ainda me esforço, ainda não cheguei. Deste modo, se andas, se te esforças, se tens o pensamento no que está por vir, lança no esquecimento o passado, não voltes o olhar para aquilo, para que não fiques no mesmo ponto onde te detiveste para olhar»⁵¹.

4. A humildade de retificar

Mais uma vez voltemos à sabedoria de Santa Teresa: «Para acertar, aproveita muito haver errado, porque assim se ganha experiência»⁵².

Com um otimismo idêntico, São Josemaria escrevia: «Fracassaste? – Tu (estás bem convencido) não podes fracassar. – Não fracassaste; adquiriste experiência. – Para a frente»⁵³. Naturalmente, está se dirigindo a cristãos que contam com Deus, e sabem que, junto dele, sempre é possível retificar os erros com humildade e recomeçar de novo com mais brio.

Deixemos que o mesmo santo nos fale dessa dimensão esperançosa da prudência, especialmente da prudência do cristão:

«Não é prudente quem nunca se engana, mas quem sabe retificar os seus erros... Que importância tem tropeçar, se na dor da queda encontramos a energia que nos

⁵⁰ Cf. *Homilias sobre o Cântico dos cânticos*, n. 8

⁵¹ *Sermão*, n. 169, 18

⁵² *Carta* n. 307, à Madre Maria de São José (Sevilha)

⁵³ *Caminho*, n. 405

reergue e nos impele a prosseguir com alento renovado? Não nos esqueçamos que santo não é o que não cai, mas o que se levanta sempre, com humildade e com santa teimosia.

» Nas batalhas da alma, a estratégia é muitas vezes questão de tempo, de aplicar o remédio conveniente, com paciência, com teimosia. Aumentai os atos de esperança. Quero lembrar-vos que sofrereis derrotas, ou passareis por altos e baixos, porque ninguém está livre desses percalços. Mas o Senhor, que é onipotente e misericordioso, concedeu-nos os meios idôneos para vencer⁵⁴.

Na nossa dedicação ao cumprimento das decisões permanentes todos encontraremos o obstáculo das nossas fraquezas, que nos impelem:

- a deixar de esforçar-nos por causa do cansaço
- a cair no poço do pessimismo e o desalento, com complexo de vencidos
- a ceder à tentação de desistir, trocando os melhores ideais pelo caminho fácil dos desvios morais (infidelidade, fuga do sacrifício, troca do dever pelo prazer, “jeitos” de ética duvidosa para poupar dores de cabeça, etc.).

Nada disso é bom, mas nada disso é um muro insuperável. Chesterton comentava que não existem “becos sem saída”. Sempre há uma saída: voltar para trás, desandar o caminho andado, ou seja, arrepende-nos, se a falha foi nossa, e corrigir – com o perdão e a ajuda de Deus – os rumos do coração e da conduta; ou então aproveitar a experiência de um fracasso sofrido sem culpa nossa e iniciar de novo – com “santa teimosia” – o itinerário da prudência (refletir, aconselhar-se, avaliar, até achar, com confiança em Deus e boa vontade, um novo caminho para recomeçar).

VIII. A MAIS ALTA PRUDÊNCIA

1. Prudências antagônicas

São Paulo fala de duas prudências contrapostas, inimigas uma da outra. A *prudência da carne* e a *prudência do espírito*.

*A prudência da carne é morte – diz aos romanos –, ao passo que a prudência do espírito é vida e paz*⁵⁵ (Rm 8, 6). Na carta aos gálatas escreve no mesmo sentido: *Os desejos da carne são opostos aos do espírito, e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros* (Gl 5, 17).

⁵⁴ Cf. *Amigos de Deus*, nn. 88, 131, 219

⁵⁵ A expressão grega utilizada por São Paulo é “phronema”, que as antigas versões latinas traduzem por “prudencia”. Traduções atuais utilizam outros termos, que na realidade se complementam: “sabedoria”, “aspirações”, “desejo”, “interesse”, etc. O ensinamento fica sendo o mesmo.

Que acha que significam essa duas palavras: “carne” e “espírito”? Dentro da cultura e da linguagem atuais, diríamos que a carne é o “corpo” e o espírito, a “alma”. Mas não é nada disso.

Na linguagem de São Paulo –que é a linguagem da Bíblia e da fé cristã –, “carne” significa o ser humano inteiro (corpo e alma)⁵⁶ quando está privado da graça de Deus e vive atrás dos seus *desejos egoístas*; por outro lado, “espírito” refere-se ao filho de Deus – ao cristão – que tem o Espírito Santo presente a atuante em sua alma, e que, movido pela graça divina, avança pelo caminho do *amor* (cf. Rm 8, 14; 1 Cor 6, 19; Ef 5, 2).

— Isso fica muito claro quando lemos o elenco dos “frutos da carne” que são Paulo enumera; ao lado de *fornicação, impureza, embriaguez, orgias...* menciona também *inimizades, ciúmes, iras, intrigas, rixas, discórdias, invejas...*, vícios que nós não chamaríamos de “carnais”.

— E, entre os “frutos do espírito” cita: *caridade, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, lealdade, mansidão, domínio próprio...* (cf. Gl 5, 18-22).

Santo Agostinho esclarece o termo “carne” no seu comentário à carta aos gálatas: «Diz-se que alguém vive segundo a carne quando vive para si mesmo. Por isso, neste caso, por carne entende-se todo homem. Já que tudo o que provém de um amor desordenado a si mesmo chama-se obra da carne»⁵⁷.

Não acha que o antagonismo “carne-espírito” poderia traduzir-se por antagonismo “egoísmo-amor”? «A História é no seu todo – dizia o Card. Ratzinger – a luta entre o amor e a incapacidade de amar, entre o amor e a recusa do amor»⁵⁸.

Deveríamos escrever Amor com maiúscula, uma vez que, na alma cristã, a capacidade de amar é infundida pelo Amor divino em pessoa, o Espírito Santo.

2. Dois caminhos da prudência

Desde o início do cristianismo, inspirando-se no Deuteronômio, a catequese falava dos dois caminhos: o da vida e o da morte, o da salvação e o da perdição (Dt 30, 19-20).

O mais antigo texto catequético do cristianismo, a *Didaqué*, compilado ainda no século I, inicia-se com estas palavras: «Há dois caminhos: um da vida e outro da morte. A

⁵⁶ O Antigo Testamento usa com frequência a palavra “carne” para designar simplesmente o ser humano.

⁵⁷ *A cidade de Deus*, XIV, 2

⁵⁸ *O sal da terra*. Ed. Imago. Rio de Janeiro 1997, pp. 222-223

diferença entre ambos é grande. O caminho da vida é o seguinte: primeiro amarás a Deus que te fez; depois, a teu próximo como a ti mesmo»⁵⁹.

Moisés, no Deuteronômio diz: *Escolhe, pois, a vida* (Dt 30, 19). Jesus também nos incita a uma escolha livre e responsável: *Se queres entrar na vida... Se queres ser perfeito... Se alguém quiser seguir-me...* (cf. Mt 19, 16 e 21; Mc 8, 34).

Aí está grande desafio da prudência.

Para quem dedica a si mesmo um amor desordenado, egoísta, a prudência se transforma em astúcia ou manha, como víamos acima, e decide correr atrás dos “frutos da carne”: o culto ao prazer, a ambição, o comodismo, a idolatria do dinheiro, a vaidade que gera ciúmes e discórdias, etc.

Para quem é guiado pela “prudência do espírito”, o panorama muda completamente. A sua decisão é seguir o caminho do amor a Deus e ao próximo, sem medo de aceitar tudo o que esse amor traz consigo de abnegação, sacrifício, doação, cruz... Tudo vale a pena enfrentar e sofrer com alegre generosidade, para que não nos percamos – como dizia alguém – «na solidão sem amor e no vazio de uma vida inútil».

3. Prudência do espírito e dom de conselho

São Paulo nos dá luzes sobre o que é, na prática, a prudência do espírito:

— *Tudo o que para mim eram vantagens considereei perda por Cristo. Na verdade julgo como perda todas as coisas em comparação com este bem supremo: o conhecimento de Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar a Cristo e estar com ele* (Fl 3, 7-9).

— *Quanto a mim, de muito boa vontade darei o que é meu e me darei a mim mesmo pelas vossas almas* (2Cor 12, 15).

— *Cuidai, pois, irmãos, de andar com prudência, não como insensatos, mas como pessoas esclarecidas...; não sejais imprudentes, mas procurai discernir bem qual é a vontade do Senhor* (Ef 5, 15-17).

É prudente quem pensa, julga e decide sob a luz de Deus. Com os olhos da fé e do amor postos em Deus, muitas coisas que o mundo julga positivas e sensatas aparecem-

⁵⁹ *Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos*, Ed. Vozes, Petrópolis 1971.

nos claramente como insensatas. *A loucura de Deus é mais sábia do que os homens* (1 Cor 1, 28).

Assim, por exemplo, a prudência do espírito vai nos dizer:

— É melhor escolher um trabalho honesto e pouco lucrativo do que outro mais lucrativo mas moralmente inaceitável ou dúbio;

— Não matricule o filho ou a filha numa escola tecnicamente boa, mas que transmite erros sobre a fé e a moral. Matricule-os em outra, talvez menos conhecida, mas que não lhes prejudique a fé e a moral;

— Não escolha ter só um ou dois filhos por comodismo. Se a saúde o permitir, escolha ter mais alguns – os que veja que Deus lhe pede – e aceite com alegria os sacrifícios e a dedicação que vão exigir.

Quantas vezes erramos os caminhos da vida por falta de prudência sobrenatural. Preferimos um prazer egoísta aos apelos de Deus. Preferimos dormir a ir ao encontro marcado com Cristo na missa dominical. Preferimos os vícios às virtudes. O próprio demônio se arranja para nos sugerir que colocar Deus em primeiro lugar é exagero, e assim vai nos amarrando aos vícios e ceifando os brotos de virtudes.

A pior imprudência do mundo é arriscar-nos a perder a verdadeira vida, a vida eterna, em troca dos bens efêmeros, de flores que murcham antes do próximo amanhecer. *Que aproveita ao homem – diz Jesus – ganhar o mundo inteiro se, depois, perde a sua alma?* (Mt 16, 26).

Pensem nisso os pais que combatem a possível vocação de entrega a Deus de um filho ou uma filha por motivos de egoísmo pessoal, por visão materialista ou por miopia na fé. Se, levados por essa cegueira, conseguirem afastar o filho ou a filha do caminho a que Deus os chama, cometerão talvez a maior e mais lamentável imprudência que um pai ou uma mãe possam cometer.

É muito lúcido o que comenta Pieper a este propósito: «Através do amor recebido [infundido na nossa alma pelo Espírito Santo], o homem atinge uma tal unidade com Deus, que recebe por assim dizer a capacidade de olhar as coisas do ponto de vista de Deus, de as “relativizar” e as “minimizar” como Deus, sem com isso as negar ou contestar a sua importância»⁶⁰.

⁶⁰ Obra citada, p. 53

Lembrávamos que o livro dos Provérbios chama à prudência *sabedoria do coração* (Pr 16,21). Comentando essa expressão bíblica, São Josemaria escrevia: «Verdadeira prudência é a que permanece atenta às insinuações de Deus e, nessa vigilante escuta, recebe na alma promessas e realidades de salvação.

»O motivo fundamental da prudência é o cumprimento da Vontade de Deus, que nos quer amigos da verdade ... *O coração prudente possuirá a ciência* (Pr 18, 15). E essa ciência é a do amor de Deus, o saber definitivo, aquele que nos pode salvar, oferecendo a todas as criaturas frutos de paz e de compreensão e, a cada alma, a vida eterna»⁶¹.

Por isso, Josef Pieper podia escrever: «A mais elevada e mais fecunda realização da vida cristã consiste na colaboração da prudência e do amor»⁶²

Além de nos conceder a graça necessária, o Espírito Santo nos ajuda a viver essa prudência sobrenatural mediante o *dom de conselho*. É como um vento suave e poderoso, que impele a nave da vida por rumos de claridade, dando-nos luzes divinas sobre o significado e o valor das coisas do mundo, sobre os problemas, os acontecimentos e as pessoas, e sobre nós mesmos. Ajuda-nos a viver dentro da verdade de Deus⁶³.

Como dizia Santo Tomás, «a prudência, que implica retidão da razão, é grandemente aperfeiçoada e auxiliada na medida em que é regulada e movida pelo Espírito Santo. E isso é próprio do dom de conselho»⁶⁴

Esta é, afinal, a “mais alta prudência”: caminhar pela senda do amor, sob a luz da fé e seguindo os passos de Cristo, para viver o ideal que São Paulo propõe a todos os cristãos como “máxima prudência”: *Sede imitadores de Deus como filhos muito amados, e caminhai no amor, como Cristo nos amou e se entregou a Deus por nós como oferenda e sacrifício de suave odor* (Ef 5, 1-2).

=====

⁶¹ *Amigos de Deus*, n. 88

⁶² Obra citada, p. 51

⁶³ Cf. *Dons do Espírito Santo*, Ed. Cultor de Livros, São Paulo 2017, pp. 39-48

⁶⁴ *Suma Teológica*, II-II, 52, 2 c